

Macedo alerta para risco de País "quebrar"

Carlos Conde

Da Sucursal

São Paulo — O Brasil está em concordata e se não sair dela nos próximos dez anos, vai "quebrar", como o que está para acontecer na ex-URSS e já está quase consumado na ex-Iugoslávia. Ficar acenando com a falência para abordar o problema da concordata não chega a ser um exercício de pessimismo. É preciso falar claro, porque, do ponto de vista psicossocial, ainda não há a percepção nítida de que a crise é gravíssima e de que o paciente precisa de UTI. Não dá mais para ficar "quebrando o galho" e também não é possível continuar defendendo idéias esdrúxulas, como a do "crescimento a todo custo, mesmo com inflação alta".

A denúncia, em tom de alerta, foi feita na sede da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), pelo economista e consultor Roberto Macedo, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Economia na gestão do ex-ministro Marcílio Marques Moreira, durante reunião do Fórum dos Jovens Empresários da ACSP, coordenada por Marcos Augusto do Nascimento.

Macedo declarou-se "espantado" com as recentes declarações do ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko, de que é preciso implementar o desenvolvimento econômico mesmo com taxas ascendentes de inflação. "Não sei como o novo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, vai poder conviver com um homem que pensa assim, isto é, que diz amém ao presidente Itamar, que, por sua vez, tem

dado mostras de não compreender bem os mecanismos de atividade econômica", disse ele.

Notáveis — Para o consultor, seria mesmo muito bom que fosse montado um Ministério de "notáveis". E sugeriu: "Vários dos 'notáveis' que foram reunidos na etapa final do governo Collor, e depois desmobilizados por força do impeachment deveriam ser reagrupados e chamados de volta para o Governo".

Ele recomendou aos jovens empresários da ACSP que não alimentem esperanças pouco fundamentadas sobre o futuro do País, repisando que o estado da conjuntura é de uma inflação crônica, sem solução à vista e, do ponto de vista da produção, está se lidando com um organismo doente "que precisa ser internado no hospital". Aconselhou, ainda: "Uma fórmula simples para vocês fazerem seus negócios particulares crescerem neste momento é a de cortar pela metade o número de seus empregados, dar-lhes o dobro de salário e fazê-los produzir o triplo".

Sob um ângulo mais abrangente, Roberto Macedo sinalizou que "o Brasil está crescendo para Oeste, com a agricultura; para o Norte, com a mineração; e para fora, com as exportações, particularmente da agroindústria". Não esqueceu, porém, de assinalar o crescimento "firme" do setor informal: "A economia paralela se expande, desde o tomador de conta de automóveis, nas ruas, até o empresário, sufocado com tanto imposto".

Reformas — Ainda sobre a metáfora da concordata, Macedo

ADAUTO CRUZ



Para Macedo, a conjuntura atual do Brasil é de uma inflação crônica, sem solução à vista

explicou que a diferença entre o Brasil concordatário e uma empresa privada concordatária é que o País pode emitir moeda e a empresa não: "E essa é uma forma de perpetuar o processo inflacionário". Outra analogia feita pelo economista: "O Governo Federal é uma companhia de seguros que vai recolhendo prêmios, mas, na hora do sinistro, tem nas mãos uma apólice que não é suficiente para fazer a cobertura dos prejuízos". Ou seja, o Governo faz um seguro social, tendo

que atender Previdência, Saúde, Educação etc., mas o segurado (o pagador de impostos), ao invés de pagar os prêmios adequadamente, está sonegando muito. "O Governo tem que reescrever suas apólices de seguros, o que pode ser feito não apenas por meio da revisão constitucional, como através de outras reformas, urgentes", disse ele.

Mais concordata: "As duas veredas cruciais de nossa 'encrenca' são o desequilíbrio crônico entre despesa e receita, por um lado, e

uma dívida externa que não pode ser honrada nas bases em que foi contratada, por outro". Como essa situação induz ao contínuo acionamento da "maquininha" impressora de moeda, fica criado o círculo infernal de persistência inflacionária, juros altos, economia estagnada, desembocando tudo num impasse para cuja solução, até agora, pelo menos, tem faltado vontade política e também qualidade de lideranças, destacou Macedo.

Saídas — O ex-secretário do

governo Collor vê três saídas: 1) pela força; 2) pela racionalidade; 3) pela crise. E acha que a forma de solução mais provável para o caso brasileiro é via crise. Nesse caso, o desequilíbrio das contas públicas geraria tamanha pressão que "sobreviveria um ataque cardíaco e o doente seria levado às pressas para o hospital, isto é, a própria crise seria terapêutica, pois precipitaria o tratamento".

As duas outras saídas apontadas, têm menos chances de serem tentadas, segundo Macedo. "Pela força, seria a tal 'fujimorização' tão falada, mas não acredito que existam condições objetivas suficientes para dar sustentação a tal solução. E, pela racionalidade, também não dá. Não temos substrato de cultura para isso, como Israel — essa grande sinagoga de ética e homogeneidade —, que em 1985 ajustou suas contas por intermédio de um acordo entre população, governo e empresários".

Na expectativa de Macedo, o ministro Fernando Henrique Cardoso deverá tentar implementar o ajuste fiscal: "Mas, o Congresso não vai deixar, porque aqui é um colegiado de 'despachantes' de luxo, tudo distribuído de forma sabidamente desproporcional, cada um puxando a brasa para seus interesses".

Para sair da concordata é preciso muita vontade política, repete Macedo. "Só recentemente o Governo entrou na linha da 'firme' concordata, passando a atuar como um vendedor de ativos, por meio do incremento do processo de privatização". Mas, isso ainda é pouco, adverte.